

# ESTUDOS CULTURAIS DA CIÊNCIA E EDUCAÇÃO: UM DESLOCAMENTO DE PERSPECTIVA

Russel Teresinha Dutra da Rosa<sup>1</sup>

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna e VEIGA-NETO, Alfredo. *Estudos Culturais da Ciência & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, 136p. (Coleção Temas & Educação) ISBN 85-7526-028-6.

O campo Estudos Culturais da Ciência tem se destacado no interior da linha de pesquisa “Estudos Culturais em Educação” do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, desde o final da década de 1990, com a defesa de dissertações e teses, participações em congressos e publicação de livros e artigos de professores e alunos vinculados àquela linha. Esses pesquisadores encontram-se reunidos no “Grupo de Estudos em Educação e Ciência como Cultura” (GEECC). O campo dos Estudos Culturais da Ciência, além de inspirar um conjunto de investigações, no nível da Pós-Graduação, tem também ocupado espaços na formação de professores, tanto em disciplinas de graduação quanto em cursos de especialização e em atividades de extensão universitária da UFRGS.

O livro *Estudos Culturais da Ciência & Educação* foi produzido no interior do GEECC e realiza não só uma introdução a esse campo de estudos, mas também uma revisão, buscando situá-lo através da descrição de suas principais publicações, de sua história recente, de seus autores, de suas influências teóricas, de seus contrastes em relação a outros campos de estudos como a Filosofia e a História das Ciências, bem como através da descrição de suas contribuições para os debates e as práticas no campo Educacional.

O livro está organizado através de uma introdução e três capítulos. No final, além de uma extensa bibliografia, citada no corpo do texto, são oferecidas sugestões de leitura e indicados *sites* relacionados ao campo para consultas na Internet.

Na *Introdução*, é apresentada a história recente do campo Estudos Culturais da Ciência, sendo mencionado, nas primeiras linhas, o surgimento de campos de conhecimento não disciplinares no final da segunda metade do século XX. Tais campos teriam sido instituídos

na articulação ou confluência entre algumas Ciências, vinculado-se a movimentos sociais como os étnicos, raciais, sexistas, estéticos, anti-colonialistas, ambientalistas, pacifistas e etc. – que construíram posições e formas alternativas de pensar o

<sup>1</sup>Professora do Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação da UFRGS. E-mail: russel@adufrgs.ufrgs.br

mundo nos anos sessenta do século passado. Entre esses “novos” campos de conhecimento, estão os *Estudos de Gênero e Sexistas*, os *Estudos Literários*, os *Estudos sobre Etnias e Raça* e os *Estudos Culturais*, aos quais estão associados aqueles que Joseph Rouse (1993) refere como *Estudos Culturais do Conhecimento Científico* ou *Estudos Culturais da Ciência* (p. 7-8).

O campo é descrito como diversificado inclusive no que diz respeito a suas abordagens teóricas. Nas pesquisas e publicações, são empregados conceitos e métodos oriundos da História, da Filosofia, da Sociologia, da Antropologia, da Teoria Feminista e da Crítica Literária, tendo as diversas investigações em comum a centralidade da cultura. O próprio termo cultura abarcaria um conjunto heterogêneo de objetos de estudos tais como práticas sociais, tradições lingüísticas, constituição de identidades, etc. É afirmado que não haveria um marco conceitual e nem uma metodologia comum ao campo (p. 8). A sua origem histórica estaria “nos embates entre as formulações interdisciplinares pós-positivistas em História e Filosofia da Ciência e as perspectivas sociológicas assumidas a partir do Programa Forte em Sociologia do Conhecimento”. Esse Programa Forte incluiria as perspectivas da Escola de Edimburgo, as abordagens Construcionistas-Relativistas e os Estudos Etnográficos de Laboratório. Os Estudos Culturais da Ciência receberiam também outras denominações como Estudos de Ciência; Estudos da Tecnologia, da Sociedade e da Ciência; Estudos Políticos da Ciência e Tecnologia e Valores Humanos; Sociologia do Conhecimento Científico e Construcionismo Social (p. 9-10).

De acordo com os autores, o Construcionismo Social considera a ciência um produto social e cultural (p. 13), isto é, o social determinaria o conteúdo da ciência e o cultural os significados de crenças e decisões científicas (p. 17). Dentro desse quadro, as posições relativistas afirmariam que a escolha ou o julgamento de teorias concorrentes não poderia ser sustentada através da sua confrontação com o mundo (ou de evidências empíricas), sendo o mundo considerado como algo construído e não como algo a ser descoberto. Por fim, cabe destacar o fato desses estudos evitarem estabelecer qualquer critério de demarcação entre as ciências e outras práticas sócio-culturais, defendendo uma ruptura com a idéia de existência de elementos externos e internos às ciências (p. 18). É importante mencionar que, na introdução do livro, também são apresentadas as muitas nuances das diferentes denominações aqui citadas.

No primeiro capítulo, intitulado “Estudos Culturais da Ciência: o que é isso?”, é realizado um deslocamento em relação a essa própria pergunta inicial, uma vez que o autor não se propõe definir com precisão o campo de estudos, mas situá-lo e caracterizá-lo, de maneira provisória, como campo de conhecimentos e de práticas, pela seleção de alguns exemplos e pelo contraste com outras perspectivas teóricas. Nesse campo, a Ciência seria entendida como uma prática social, abandonando-se análises de suas racionalidades. Essas abordagens buscariam interpretar as relações entre linguagem e mundo a partir da “Virada Lingüística”.

Os Estudos da Ciência partilhariam com os Estudos Culturais o compromisso de examinar práticas culturais, apontando as relações entre cultura, conhecimento e poder. Esses estudos pretenderiam realizar uma hipercrítica, colocando sob suspeita qualquer discurso. Segundo o autor, essa hipercrítica poderia voltar-se inclusive contra si mesma (p. 42).

O capítulo encerra-se com a apresentação das possibilidades do campo, sendo utilizada uma linguagem persuasiva para atribuir aos Estudos Culturais da Ciência a realização de “análises mais acuradas e matizadas”, feitas através de “lentes mais poderosas” que “problematizariam com maior minúcia” (p. 44) questões conceituais e metodológicas da Ciência e suas relações com interesses sociais do que as análises feitas por outras perspectivas teóricas.

O segundo capítulo – “Uma revisão de estudos que focalizam a produção cultural da Ciência” – mostra exemplos de investigações que incidem sobre os principais objetos discutidos pelos Estudos Culturais da Ciência, como os “Estudos de Laboratório”, os “Interesses Sociais e o Gênero”, os “Museus e as Mídias”, através da apresentação de trabalhos de alguns autores ligados ao campo, como Bruno Latour, Karin Knorr-Cetina, Joseph Rouse, Donna Haraway e outros.

O terceiro e último capítulo, intitulado *Outras possibilidades de articulação: os Estudos Culturais da Ciência e a Educação*, mostra as contribuições desse campo de estudos tanto para os debates no campo educacional quanto para a formação de professores. Nesse capítulo, são explicitadas as denominadas teorizações e posturas analíticas adotadas pelo campo, como o conceito derrideano de *desconstrução*, as compreensões foucaultianas de *história*, *discurso* e *disciplina*, a produção e o intercâmbio de significados culturais pela linguagem e as discussões pós-modernas de *racionalidade*, *realidade* e *verdade* (p. 99). O capítulo também discute alguns dos trabalhos produzidos por pesquisadores vinculados ao “Grupo de Estudos em Educação e Ciência como Cultura” da UFRGS, os quais abordam temas como “Educação Ambiental”, “Representações de Natureza em peças publicitárias e em filmes infantis de Walt Disney”, “Representações de Corpo”, etc.

Enfim, os autores afirmam de maneira recorrente as amplas possibilidades analíticas dos Estudos Culturais da Ciência em comparação com outras perspectivas teóricas, consideradas por eles reducionistas, por vezes, epistemologizantes, ou ainda, psicologizantes (p. 22). Mas o leitor, ao final da obra, pode ficar com a sensação de que, se aplicasse os próprios termos e ferramentas analíticas desse campo de estudos à própria obra, encontraria certamente um deslocamento do foco das análises do campo em relação a outras perspectivas teóricas como a Filosofia, História e Epistemologia da Ciência, ou a Sociologia ou a Psicologia da Educação, mas não, necessariamente, uma ampliação ou superioridade analítica em relação a estas.

Ao longo da obra, observa-se a riqueza de conhecimentos produzidos pelo exame de novos objetos, através do emprego de conceitos e metodologias oriundos de diferentes áreas de conhecimentos ou de novos conceitos e metodologias. Entretanto, não é oferecida, porque explicitamente não existe a intenção de ser oferecida, qualquer

“âncora” (p. 42) ou critério que permita escolher esse campo = em face de outras perspectivas teóricas concorrentes, muito embora os autores refiram-se a outras perspectivas teóricas como mais restritas e a esse campo de estudos como mais amplo (p. 117).

Por fim, é importante ressaltar que o livro realiza um mapeamento generoso do campo de estudos, que pode orientar o leitor que desejar iniciar ou aprofundar suas investigações, permitindo identificar os autores mais influentes, as publicações mais relevantes, além das tendências teóricas e metodológicas das investigações em andamento.